

Rolé na Penha: guiamento local protagonizado pelos alunos

A Escola Municipal Bernardo de Vasconcelos, localizada na Vila Cruzeiro, no complexo de favelas do bairro da Penha, experimentava até o ano de 2016, abandono do poder público e um descrédito da comunidade. A escola tinha muros altos e pichados, índices baixos no IDEB, evasão escolar, infraestrutura precária, ausência de recreio, portas de salas de aula acinzentadas semelhante à prisões, além de grades que perpassavam por todo espaço escolar, justificadas, segundo as direções, pelo medo de roubo ou danificação do material por parte dos alunos. A identificação dos alunos e da comunidade escolar com essa unidade era nula, ao passo que os alunos saíam da escola e gritavam por liberdade, pois a ambiência de grades, paredes e portas acinzentadas traziam a aparência de uma prisão.



Esse contexto impactava negativamente na aprendizagem dos alunos. Diante disto, entendi que só era possível vislumbrar um cenário de mudanças, se os alunos se sentissem pertencentes ao bairro que moram e, principalmente, se identificassem com a escola que estudam, sendo esta construída e pensada por eles.

Por isso desenvolvi um projeto que mobilizasse o conceito de memória através de três temáticas: a memória discente, a história local e a educação patrimonial.

O Rolé na Penha é uma transposição didática fruto das aulas de História que leciono para as turmas de 6º ao 9º ano. Percebi a importância de ressignificar a história do bairro a partir do olhar dos alunos, das suas experiências e da memória local. Os alunos, moradores do complexo de favelas, dispunham de grande conhecimento sobre a geografia do lugar e de histórias contadas pelos moradores que construíam a história local. Por isso, percebi que esse projeto poderia contribuir para a aprendizagem dos alunos, uma vez que construímos relações de pertencimento e identidade do aluno com o bairro que pertence e, por conseguinte, com a escola. Além de protagonizar a história local a partir de guiamentos a monumentos, locais históricos com explicações trazidas por eles a partir do conteúdo estudado, das memórias dos moradores e de suas experiências. Acreditamos que o pertencimento gera ligação, atravessamentos, afetos, autonomia e protagonismo.

Os alunos, moradores do complexo de favelas da Penha, dispunham de grande conhecimento sobre a geografia do lugar e de histórias contadas pelos moradores e seus familiares, que construíam a história local. Um dos pontos relevantes salientados foi a contribuição para a aprendizagem dos alunos, a partir dessa troca, uma vez que construímos relações interpessoais e de pertencimento relacionadas com o bairro e com a escola.

Na prática, os educandos tornaram-se protagonistas da história local, a partir de guiamentos de moradores, alunos de outras escolas e familiares, aos monumentos e locais históricos à partir de explicações e colheita de informações que absorveram por meio do conteúdo estudado, das memórias dos moradores locais e de suas experiências empíricas. Acreditamos que o pertencimento gera ligação, atravessamentos, afetos e autonomia.

Segundo a professora Ana Monteiro:

O Ensino de História é, potencialmente um lugar onde as Memórias se inter cruzam, dialogam, entram em conflito; lugar no qual também se busca a afirmação e registro de – ou onde se desenvolvem embates entre – determinadas versões e explicações sobre as sociedades, a política, o mundo, prescritas pela instituição em que se localiza; “lugar de fronteira”, que possibilita o diálogo

entre Memórias e “História conhecimento escolar”, com o aprofundamento, ampliação, crítica e reelaboração para uso no cotidiano. Lugar do contraditório, portanto, de embates.¹

As memórias que os alunos trazem, consigo, ao adentrarem as salas de aula fazem deles portadores de saberes. São os saberes prévios, que devem ser usados como substrato para qualquer mediação didática. Os alunos trazem referências culturais e pessoais que precisam ser utilizadas como ponto de partida nas aulas de História. Partir do individual para se entender o global, respeitando as diferenças, limitações e comportamentos.

Periodicamente, são agendados os “rolés”, onde moradores, alunos e turistas podem conhecer o bairro da Penha sendo guiados pelos próprios alunos. Os alunos são os guias locais que contam a história do bairro e as histórias dos locais visitados, a partir das histórias oficiais encontradas em livros e sites, juntamente com as memórias e as histórias contadas por moradores e parentes.

Sobre o autor:

Mestrando em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas pela Faculdade de Educação da Baixada Fluminense/FEBF – UERJ.

Referências:

BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 2ª edição. São Paulo: Cortez, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental**; História. Brasília: MEC/SEF, 1998.

MONTEIRO, Ana Maria F. C. (orgs). **Ensino de História: Sujeitos, Saberes e Práticas**. Editora Mauad: Rio de Janeiro, 2009.

¹ MONTEIRO, Ana Maria F. C. (orgs). **Ensino de História: Sujeitos, Saberes e Práticas**. Editora Mauad: Rio de Janeiro, 2009, p.15